

OS ÚLTIMOS KREN- AKARORES

Os irmãos Vilas Boas foram buscar no coração da Amazônia uma nação índia ameaçada de extinção

Reportagem de Mario Antonio Garofalo
Fotos de Rolnan Pimenta

Há três anos, a nação kren-akarore era constituída por 500 índios, fortes e saudáveis, que dominavam a região amazônica em que viviam. Hoje estão reduzidos a 80, e todos sofrem de anemia. As razões da decadência dos índios são várias, mas uma delas é a mais importante: o contato com brancos despreparados para conviver com sua cultura. Quando os kren-akarores começaram a sentir mais agudamente os malefícios do convívio com o pessoal da frente de trabalho da estrada Cuiabá—Santa-rém, Cláudio e Orlando Vilas Boas chegaram à conclusão de que estava na hora de transferi-los para o Parque Nacional do Xingu. Enquanto faziam a mudança, na semana passada, os dois sertanistas concederam a MANCHETE uma importante entrevista sobre a situação do índio no Brasil



RAUNI, o cacique dos txucarramães, coloca na cabeça de Salcridi, cacique kren-akarore, um cocar de penas coloridas, ao recebê-lo no Parque Nacional do Xingu. Nas fotos menores, cenas do desembarque dos índios em suas novas terras.



"A primeira coisa que se deve fazer para solucionar o problema do índio é aceitá-lo como ele é: alegre e tranqüilo, mas orgulhoso de seus valores"



QUANDO os irmãos Vilas Boas anunciaram que iriam trazer para o Parque Nacional do Xingu os índios remanescentes da nação kren-akarore, seus amigos txucarramães, do Posto Diauarum, demonstraram grande alegria. O cacique Rauni, dos txucarramães, que oficialmente receberia os kren-akarores, mandou preparar o melhor cocar de chefe para oferecê-lo a Salcridi, cacique akarore. Dois porcos-selvagens entraram em regime de engorda — seriam sacrificados para o banquete de recepção. Os dois irmãos Vilas Boas dividiram o trabalho de transferência. Enquanto Cláudio foi buscar os índios, perto de Peixoto de Azevedo, nas imediações do local onde atua a frente de penetração da estrada BR-80, a Cuiabá—Santarém, Orlando ficou em Diauarum. Os dois sertanistas, que pretendem se aposentar dentro de três meses, depois de trinta anos de trabalhos na selva, são contra a transferência dos índios. Mas neste caso era a única solução. A BR-80 estava atraindo os kren-akarores e colocando-os em contato direto com o pessoal da frente de trabalho, que incluía desde motoristas, mateiros e trabalhadores, até caçadores e aventureiros. Esse contato com civilizados despreparados no trato com os índios estava dizimando os kren-akarores. Em dois anos o grupo de mais de 500 foi reduzido a apenas 80.

O C-47 da FAB que fez três viagens de Peixoto de Azevedo a Diauarum foi observado com naturalidade pelos índios. Eles entraram no aparelho como se fossem passageiros acostumados às viagens aéreas. Muitos riam e brincavam com Cláudio Vilas Boas. O sertanista comentou:

— Para tentar resolver o problema do índio, a primeira coisa a fazer é aceitá-lo como ele é. O índio é alegre, entusiasmado, tem aquela felicidade plena que só encontramos raramente no homem civilizado. Se eu estiver disposto, posso brincar com eles o dia todo. Basta dizer alguma coisa alegre ou indicar que estou animado, para eles darem início a uma boa brincadeira.

Quando o último índio da primeira viagem entrou no avião, Cláudio deu um sinal para o piloto. Os motores foram acionados e os kren-akarores que ficaram para as viagens seguintes mostraram-se excitados. Cláudio explica:

— Não conheço gente mais feliz e mais alegre que o índio.

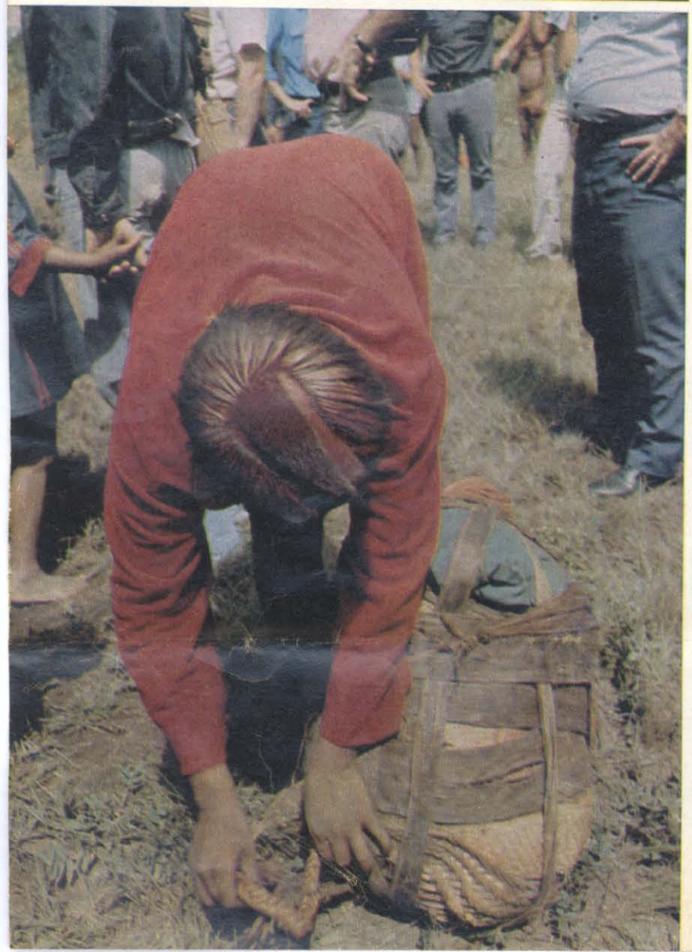
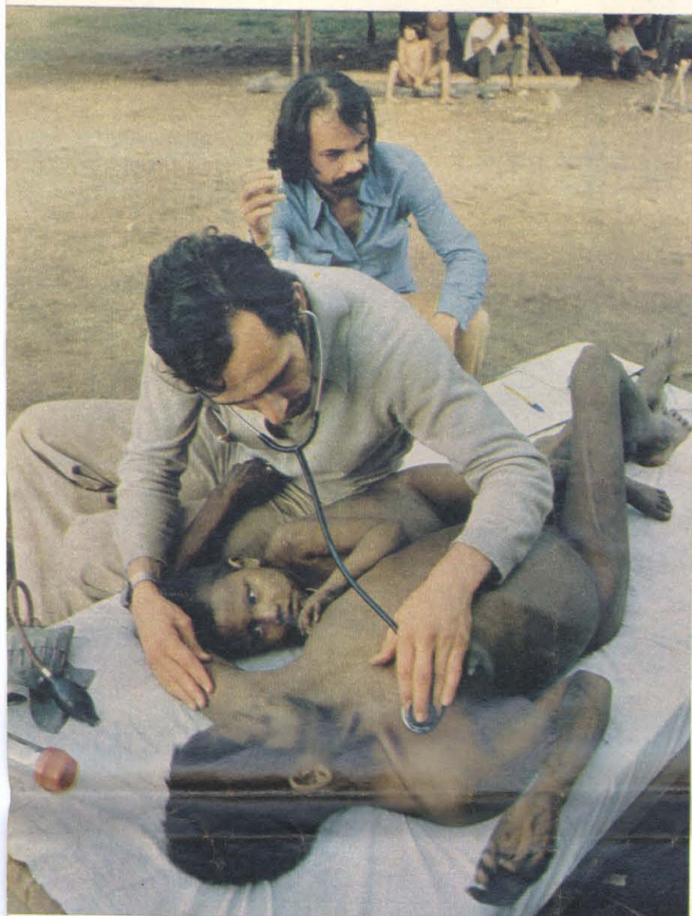
SEGUE



AS mulheres kren-akarores participam ativamente da mudança da tribo. Elas se encarregam do transporte dos objetos domésticos, enquanto os homens levam instrumentos de caça e as crianças as enxadas. Na foto maior, um grupo de indiazinhas kren-akarores de idades que vão de oito a quatorze anos, no Parque do Xingu.



HÁ quem diga que precisamos preparar o índio para o contato com a civilização, mas é o contrário. Nós é que devemos nos preparar para compreender o índio"



SE fossem tristes, revoltados, eu não teria vivido 30 anos entre eles. E neste tempo aprendi deles a serenidade e o equilíbrio. Temos muito que aproveitar da cultura dos índios, mas infelizmente pouco podemos dar em troca. Nossa "civilização" está mais preparada para destruir os valores humanos que eles cultivam do que para preservá-los.

As viagens do C-47 duravam quarenta minutos. As três foram feitas num só dia. A chegada a Diauarum foi uma grande festa. Kren-akaroes e txucarramães não falam a mesma língua, mas isto não impediu a confraternização. Orlando Vilas Boas supervisionou o encontro.

— Senti a ausência de vários índios que conheci nos primeiros contatos com os kren-akaroes — disse ele. — O contato com as frentes de penetração das estradas é devastador, mas felizmente salvamos os restantes. Há quem diga que precisamos preparar o índio para o contato com a civilização, mas é o contrário. Nós é que precisamos preparar as nossas frentes de penetração para o contato com o índio. Aquele que nós chamamos de selvagem tem uma sociedade muito mais equilibrada, estável e tranqüila do que as comunidades das frentes de penetração que invadem suas áreas.

O cacique Rauni entregou seu belo cocar ao cacique Salcridi e em seguida mandou servir o porco-selvagem assado. Os kren-akaroes gostaram da carne, mas pediram também mamão e banana. Cláudio imediatamente ordenou que uma canoa descesse o rio Xingu e trouxesse as frutas desejadas. Enquanto observa os índios comendo a carne e o milho, o sertanista desabaía:

— Quer saber? Não conheço gente mais burra que os etnólogos. Eles não compreendem os valores dos índios e as motivações da sua cultura. Só quem vive trinta anos na selva, em contato com eles, pode perceber toda a realidade. Mas o etnólogo vem de uma sociedade violenta, terrível, esfaçalhada por duas guerras e outras guerrinhas. Ele não pode fugir deste condicionamento. Na floresta, tudo é diferente e natural. Só depois de muitos anos de recondicionamento o homem começa a perceber os verdadeiros valores dos índios. Por isso,

não entendo as razões dos que querem obrigar o índio a fazer tal coisa, a obedecer tal ordem. É difícil para o sertanista responder perguntas que às vezes não têm resposta. Há muita coisa aqui na selva que não adianta ser explicada, tem que ser mostrada ao vivo, pois ultrapassou os limites da lingüística. O índio deve ser entendido por nós dentro da dimensão estética, e não na dimensão lingüística. Os índios passam o dia inteiro rindo, alegres e contentes. Porque alterar isso? Para que amanhã ele possa trabalhar para um fazendeiro, ou para a Funai? É uma tolice. Muitos falam que a sociedade civilizada é inexorável e que hoje ou amanhã o índio será absorvido. Está bem. Mas para que a pressa? Vamos preservá-lo enquanto for possível. O índio não pode e não deve desaparecer. Não é justo que a assim chamada civilização permita que toda uma cultura seja dragada por uma frente pioneira, que sequer representa a nossa sociedade.

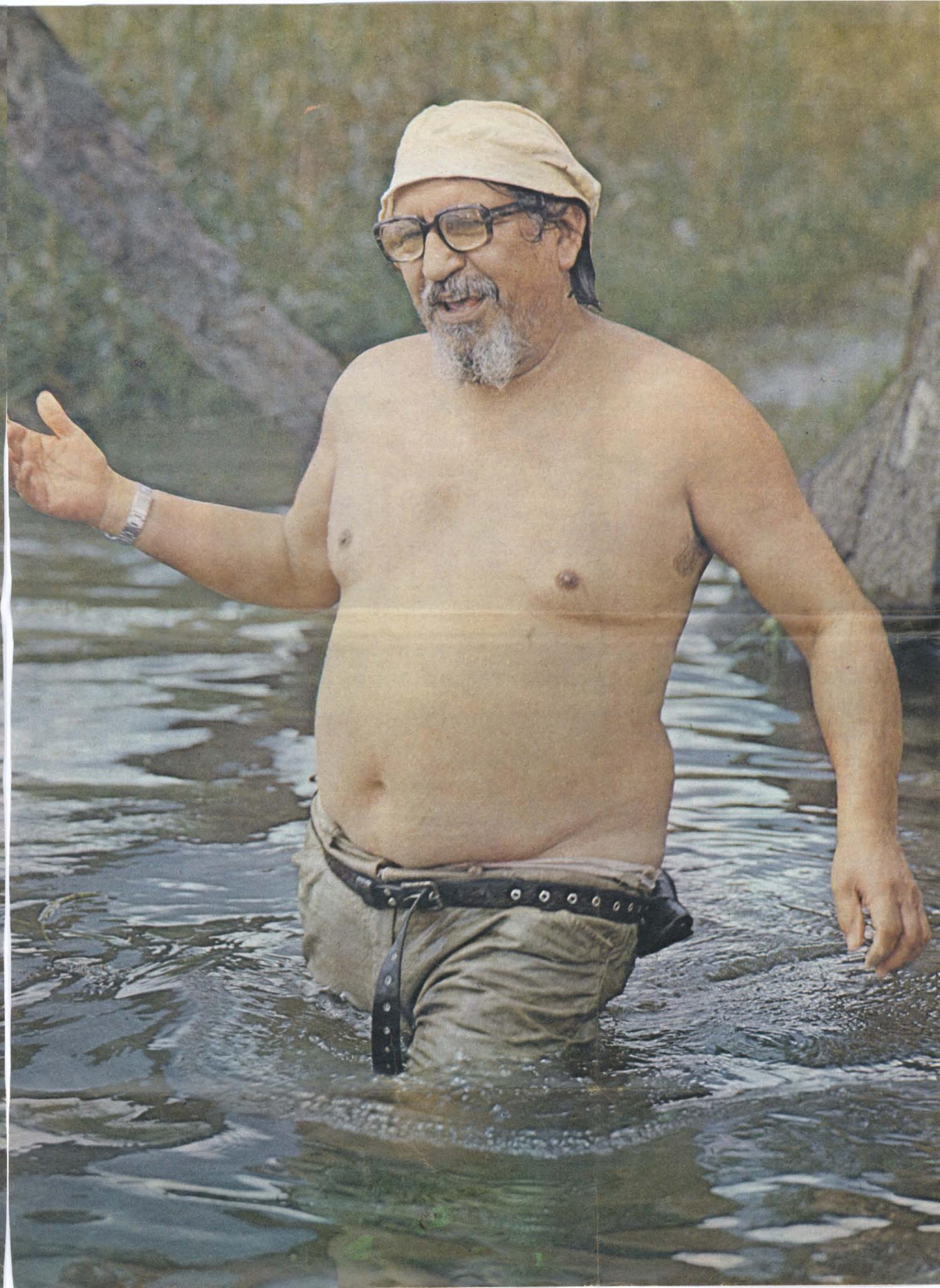
NO dia em que chegaram ao Parque Nacional do Xingu, os kren-akaroes não dormiram cedo.

Tentaram comunicar-se como podiam com os anfitriões e de certa forma o conseguiram. As conversas se desenvolveram animadas, muito na base da mímica, até o momento das danças. Os txucarramães dançaram primeiro, dando as boas-vindas e expressando a amizade pela nação irmã. Eles cantavam num ritmo cadenciado, de forma uníssona, batendo com os pés no chão. Depois foi a vez dos kren-akaroes, que dançaram agarrando-se pela cintura, formando uma barreira humana que dava volta em torno de si mesma. Terminada a dança, os índios se recolheram e Orlando Vilas Boas falou:

— A política de diversos governos em relação ao índio tem sido a de integrá-lo na sociedade.

SEGUE

TODOS os kren-akaroes foram submetidos a um rigoroso exame médico, logo após a mudança. Os resultados indicaram profunda anemia generalizada. As índias usam um corte de cabelo especial e fortes tinturas. Na foto maior, o sertanista despede-se das águas do Xingu. Ele se aposentará dentro de três meses, seu nome já foi lembrado para o Prêmio Nobel da Paz.



"TENHO absoluta certeza de que os atroaris não atacarão mais. Nossa tarefa agora é reabrir o posto da Funai, colocar lá um sertanista experimentado e começar tudo de novo"

O próprio Marechal Rondon no começo era favorável à integração, mas mais tarde, depois de anos de convivência com eles tornou-se um dos maiores defensores da política isolacionista, isto é, da preservação do índio na sua cultura. A integração levaria o índio a um tipo de vida parecida com a do nosso sertanejo, para numa segunda etapa integrá-lo na vida e na economia regional. Mas o tempo mostrou que esta política é desastrosa. Neste século a tentativa de integração fez com que desaparecessem 90 nações indígenas e 35 línguas diferentes.

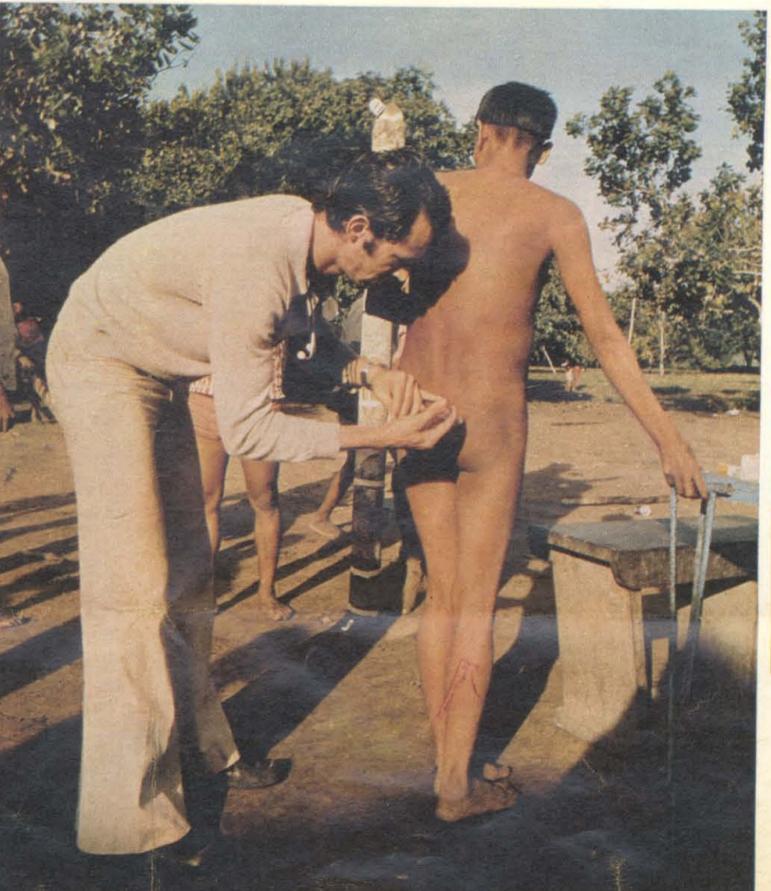
Orlando Vilas Boas mostra a selva densa que cerca o posto Diauarum e conta que o Parque Nacional do Xingu é uma área onde eles procuram afastar o índio da integração.

— Integrar e diferente de aculturar. Aculturação é uma fatalidade que ninguém pode impedir. Quando o índio recebe um facho, uma roupa, uma chave de metal, está dando o primeiro passo em direção à aculturação. Mas a integração é diferente. É a total substituição dos valores sociais, religiosos e míticos. Aculturar é puxar para a sua cultura traços de uma cultura estranha. Integrar representa abandonar todos os sistemas de uma cultura e substituí-los por outros. Isto é o mesmo que destruir uma cultura. Nós defendemos a política da não-integração e menos ainda a integração realizada às pressas, com prazos marcados. Até há pouco tempo a Funai defendia a política da integração, mas agora o novo presidente da fundação tem um ponto de vista diferente. Ele acha, no que tem razão, que se o processo de integração é inevitável, deve ser retardado e da forma mais lenta possível.

Bem cedo, no dia seguinte, uma equipe de médicos e estudantes da Escola Paulista de Medicina e médicos da Divisão Nacional de Tuberculose começaram a aplicar vacinas contra a poliomielite e a tuberculose. Foram realizados exames de sangue e biométricos. Os exames clínicos indicaram que toda a tribo está sofrendo de anemia profunda, em contraste com a situação de três anos atrás, quando os kren-akarores apresentavam-se muito bem de saúde. Mais tarde os índios foram identificados e fotografados por estudantes da Uni-



● S índios partiram alegremente, em duas canoas, Xingu abaixo, até o local que a Funai reservou para eles. Injeções e vacinas foram tomadas sem medo, apesar das picadas.



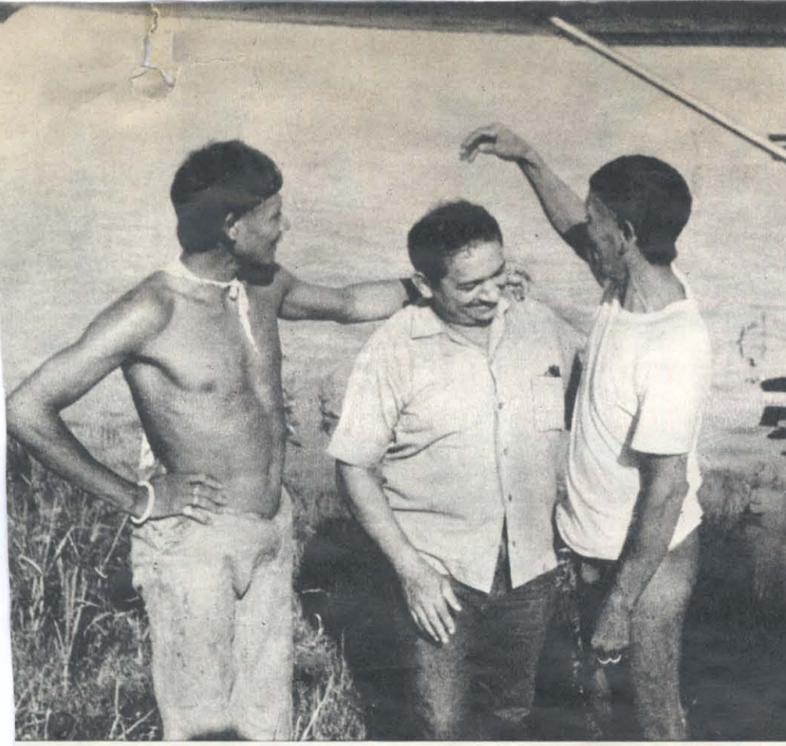
versidade de São Paulo. Isto é o mínimo de burocracia que o pessoal do parque exige, quando recebe índios. O trabalho dos médicos e dos funcionários prosseguiu durante todo o dia e pela manhã do dia seguinte. Depois do almoço os índios estavam prontos para seguir, de canoa, para o local onde passariam a viver. O Parque Nacional do Xingu atualmente abriga mais de dois mil índios, distribuídos por 16 nações.

Por volta das 14 horas, as mulheres começaram a transportar os bens da tribo para duas grandes canoas de madeira. Depois apareceram os homens, com enxadas desmontadas. As crianças também ajudavam. Cláudio queria mandar os índios em duas vezes, mas Orlando notou que havia espaço para que todos fossem de uma só vez. Os índios embarcaram e as canoas deslizaram pelo Xingu, enquanto os txucar-amães e seus amigos kajabis e suiás ficavam nas margens acenando as mãos e braços, em gestos de despedidas. A jornada até o local da nova aldeia durou hora e meia. Decorrido este tempo as canoas aportaram e os índios ganharam a terra. Lá encontraram duas malocas de vinte metros de comprimento por oito de largura, uma boa plantação de milho e mandioca já em início de cultivo e um fumegante porco-selvagem assado no interior de uma das malocas.

Os kren-akarores foram retirando seus objetos das canoas e ocupando as malocas, tranqüilamente, sem pressa ou atropelo. Pela expressão feliz que estampavam nos lábios, via-se que estavam satisfeitos com a nova morada. O desembarque terminado, Cláudio Vilas Boas ordenou o regresso. A aldeia agora estava entregue aos kren-akarores.

De volta a Diauarum, ele reuniu-se com Orlando para tratar de um novo problema: os índios apiaká também estão ameaçados de extinção, porque em suas terras foram encontradas jazidas de cassiterita e a invasão dos brancos civilizados já começou. Orlando Vilas Boas estuda o problema e fala sobre a proteção dos índios:

— O antigo Serviço de Proteção dos Índios sempre lutou com muitas dificuldades, não só de pessoal como também de recursos. O Serviço passou por uma



● sertanista Gilberto Pinto, em foto recente (alto) com o cacique Maroaga (direita) e seu cunhado Comprido. Os dois índios atroaris mataram Gilberto dia 29 de dezembro disparando flechas pela frente e pelas costas. Acima, índios kren-akarores pedindo comida na estrada Cuiabá—Santarém, antes da remoção para o Xingu.

excelente fase quando foi administrado por homens como o Capitão Vasconcelos, José Maria da Gama Malcher e outros. A presença de Rondon, enquanto viveu, também era um fator importante para que tudo andasse bem. Mas com o desaparecimento de Rondon começou a decadência. Os interesses políticos foram colocados acima dos interesses dos índios. Mais tarde, o então ministro do Interior, General Albuquerque Lima, extinguiu o SPI e criou a Funai. O primeiro presidente da Funai, Queiroz Campos, tentou reestruturar o esquema do Serviço e dinamizar suas atividades. Os 92 postos do interior foram aumentados para 106. Em 1970, a situação estava mais ou menos definida. Até então, jamais a política de proteção ao índio teve tanto apoio por parte do governo federal, da imprensa e da opinião pública. Entretanto, foi a partir deste ano que, em vez de uma fase brilhante, começou um período difícil, talvez o mais difícil pelo qual o índio brasileiro passou nas últimas décadas. Hoje, devido às talhas do passado recente, estamos vendo em todos os cantos do país o índio desamparado, o índio morrendo.

A situação é tal que justifica as afirmações de alguns religiosos, num trabalho publicado na imprensa sob o título **Um Povo Está Morrendo**. Para se ter uma idéia, basta dizer que só neste século desapareceram, no Brasil, 90 nações índias e com elas perderam-se para sempre nada menos de 35 línguas. Não é leve o fardo de trabalho que o novo presidente da Funai recebeu. Ele terá que restabelecer a confiança no trabalho desenvolvido em favor do índio para ser ajudado por todos os que desejam preservar a nação índia brasileira da extinção.

A seguir, Orlando aborda o problema da morte do sertanista Gilberto Pinto, assassinado pelos vaimiris-atroaris:

— O índio vaimiri-atroari não é exceção no panorama indígena nacional. É a mesma coisa: índio reage sempre da mesma forma. Os atroaris mantinham contato há muito tempo com os seringueiros da região. Mas a área que eles habitavam não despertava muito interesse dos brancos e foram deixados em paz. Só quando tiveram início os trabalhos de construção de estrada Manaus—Caracará, é que começaram os conflitos entre índios e brancos. A Funai contava na área com um sertanista excepcional: Gilberto Pinto Figueiredo. Ele tinha nas mãos todo o controle atroari.

Posso garantir, sem medo de errar, que quem matou Gilberto não foram os atroaris, mas sim um atroari. O índio é completamente independente dentro de sua comunidade e inteiramente responsável pelos seus atos. Foi um deles que, por vontade própria, sacrificou o sertanista experimentado. E porque fez isso? Não sei. Talvez porque o índio se sentia pressionado por todos os lados. Pela construção da estrada, que violava o seu território. Contra quem reagir? Contra o mais fraco. Ele tinha ali, nas suas mãos, um núcleo de civilizados, de brancos no posto da Funai. Ele sabia que aquele grupo já fora sacrificado algumas vezes sem reagir. E assim não teve dúvidas, agiu violentamente. Acho lamentável o que aconteceu, Gilberto era realmente excepcional. Mas agora devemos olhar o futuro. Creio que a Funai deve destacar um outro sertanista para a área. Um homem experiente, que fique lá por longo tempo. Não adianta mandá-lo para lá e depois de alguns meses removê-lo. Deve fazer um trabalho a longo prazo, paciente e permanente. Nesse trabalho, ele vai precisar de pelo menos outros 25 sertanistas, também experimentados no trato com o índio. Tenho absoluta certeza que os atroaris não atacarão mais. O novo posto deve ser aberto com presentes, sem pensar no passado, sempre com as vistas voltadas para o futuro. Não podemos esquecer que no trabalho com os índios, sempre que acontece um incidente como este, nossa missão é perder. Outra coisa: o atroari não vai aparecer logo. Ele passará uns três meses na aldeia, escondido, mas não resistirá à tentação de voltar ao posto para receber presentes. Então será a nossa vez de recebê-lo sem mágoas e começar tudo de novo.

